

PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO DAS FRICATIVAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

1 Introdução

Entendemos ser apaixonante dedicar-se ao estudo de um fenômeno lingüístico e poder ao final ter-se um perfil de sua distribuição, quer do ponto de vista diatópico quer do ponto de vista diastrático, entendendo seu processo de variação ou de mudança. Isso, com certeza, seria tarefa das mais fáceis, se não ocupássemos área territorial tão vasta e não tivéssemos um processo de variação tão acentuado. E mais fácil ainda seria se tivéssemos estudos mais sistemáticos sobre a variável a ser estudada.

Nosso objetivo nessa comunicação é tratar do processo de palatalização das fricativas /s/ e /z/, enfatizando estudos realizados e suas tendências. Para isso revisitaremos resultados conhecidos através da literatura obtidos por alguns pesquisadores e apresentaremos alguns mais recentes.

Nesse estudo, os dados analisados fazem parte de alguns projetos (NURC, APERJ e VALPB) e de algumas pesquisas individuais. Têm em comum o fato de evidenciarem a variação do processo de palatalização.

2 Palatalização das fricativas alveolares

Analisando dados do Projeto NURC/Brasil, distribuídos nas cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife), Callou e Moraes (1995) consideraram quatro variantes do fonema /S/ (fricativa alveolar, fricativa palatal, fricativa laríngea e zero fonético), encontrando 9.026 ocorrências, distribuídas posteriormente nos contextos pós-vocálicos final e interno.

Sem levar em conta a posição da sílaba no vocábulo, os resultados de São Paulo e Porto Alegre apresentam, segundo os autores, uma distribuição praticamente idêntica, predominando a realização alveolar. Enquanto o Rio de Janeiro e Recife apresentam a predominância da realização palatal, com índice mais baixo para Recife. Salvador revela uma distribuição, para alveolar e palatal, homogênea, respectivamente, 45% e 44%.

Discriminando os contextos medial e final, os autores constatam tendência consistente de palatalização em posição medial para todas as capitais.

No que concerne aos fatores sociais, e voltados especificamente para o processo de palatalização,

Callou e Moraes (1995) constatam que São Paulo e Porto Alegre revelam uma curva de variação estável, com comportamentos diferenciados por sexo, o mesmo ocorrendo com o Rio de Janeiro e Recife. Salvador, entretanto, apresenta resultados intermediários, “com uma curva de variação estável para os homens e de mudança em favor da palatalização para as mulheres”.

Estudo similar foi realizado por Mota e Rollemberg (1994), utilizando, também, dados do Projeto NURC, especificamente de Salvador. Nesse estudo, o que nos chama atenção são os resultados referentes ao condicionamento contextual. Segundo as autoras, p. 673,

“os contextos em que figuram constritivas em distribuição implosiva - em sílaba interna ou em final de vocábulo - mostram realizações palatais em alternância com realizações alveolares diante de quase todos os fonemas consonânticos: as variantes não-sonoras ([f,s]) se documentam antes dos oclusivos e constritivos não sonoros (/p, t, k, f, s/); as variantes sonoras ([ʒ,z]) diante dos oclusivos sonoros labial e dental (/b, d/), dos constritivos lábio-dental, palatal e velar sonoras (/v,ʒ, x/); do lateral alveolar (/l/), dos nasais, labial e alveolar (m/, n/)”.

A análise desses contextos revela, segundo Mota e Rollemberg (1994), diferentes índices para as palatais e alveolares, dependendo da consoante inicial da sílaba seguinte; favorecendo o uso das palatais a oclusiva dental não sonora (/t/), e as demais consoantes favorecendo o uso das alveolares. Enquanto isso, com a presença da oclusiva dental sonora (/d/) não se tem comportamento idêntico, visto que neste contexto predomina a realização das alveolares (87,5%).

Para as autoras, situação similar à de Salvador verifica-se em outras áreas do Nordeste do Brasil, em que as fricativas estão sujeitas a um processo dissimilatório sob a ação condicionadora de consoante dental da sílaba seguinte, a exemplo do Ceará.

Brandão, utilizando o corpus do APERJ, levantou para o estudo do /S/ implosivo 3.939 vocábulos. Nesse conjunto, há predomínio das realizações alveolares, ao contrário do que acontece na capital do Estado. Para a autora, os resultados devem ser relativizados, visto que a posição e o valor morfêmico ou não do

segmento implicam maior ou menor produtividade das variantes. Em sua conclusão, ela constata que na região Norte-Noroeste do Estado do Rio de Janeiro predomina a variante alveolar. Embora a tendência à palatalização seja menor do que na variante culta, tanto na capital quanto em zonas rurais ou ruralizadas, a aplicação da regra vem sendo incrementada, o que corrobora não só seu caráter inovador, mas também sua representatividade como forma de prestígio.

Corrêa (1998), em seu estudo sobre o /s/ pós-vocálico em Brasília, analisando 1.200 realizações, tem como resultado 97% para alveolar, 2% para aspirada e 1% para o zero fonético. Para a autora, as realizações palatalizadas foram idiosincrasias na fala de dois informantes. Um deles tem fortes laços com pessoas do Rio de Janeiro e o outro apresentou apenas três realizações. A autora conclui que a variante alveolar é praticamente categórica entre os brasilienses ali nascidos, o que hoje representa 41% da população do Distrito Federal. Do ponto de vista da classe social, não foi observada diferença.

A análise do corpus do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB) deu-nos, ao todo, 9.699 ocorrências, distribuídas entre as variantes: [s], [ʃ], [z], [ʒ], [h], [ø].

Considerando o baixo número de ocorrências para o zero fonético [ø], e a recorrência de poucos itens lexicais (meømo, 109), e que, embora com maior número de ocorrências, a variante [h] também aparece em poucos itens lexicais (mehmo, 564, dehde, 19), preferimos não considerá-las na análise. Optamos então pelas oposições [s] : [ʃ] e [z] : [ʒ] em interior de vocábulos.

Utilizando o mesmo conjunto de fatores, realizamos análise independentes, de um lado as fricativas surdas; de outro, as sonoras.

Em relação às fricativas surdas, procedidas às amalgamações necessárias para a utilização do programa de regra variável, foram selecionados, hierarquicamente, como relevantes os grupos de fatores: contexto fonológico subsequente, contexto fonológico precedente, anos de escolarização e classe de palavras. No que concerne às fricativas sonoras, foram selecionados apenas o contexto fonológico subsequente e distância em relação à sílaba tônica. Levando em conta que o contexto fonológico subsequente foi selecionado para os dois grupos de variantes, e, ainda, o objetivo de estabelecer uma comparação com resultados obtidos nos estudos aqui apresentados anteriormente, optamos por analisar apenas esse contexto.

Os resultados obtidos, em relação às fricativas surdas, levaram-nos a separar a consoante dental das demais consoantes. Para a primeira, conforme Tabela 1, observamos que sua presença é um forte condicionador da palatalização do [s], com índice 0.81 de correlação positiva. Enquanto a presença de outras consoantes, categoricamente, se correlaciona à não palatalização.

No que concerne às fricativas sonoras, por questões operacionais, separamos os contextos subsequentes em três grupos, como se vê na Tabela 2. Semelhante ao que aconteceu com as fricativas surdas, a oclusiva dental sonora, categoricamente, está correlacionada à palatalização, com índice categórico de aplicação, seguida da alveolar com 0.95. Na mesma tendência anterior, as demais consoantes se correlacionam negativamente à palatalização (0.36).

Tabela 1
Contexto fonológico subsequente

Contextos	Apl./Total	%	Peso Relativo
Cons. Dental (este)	5811/5970	97	0.81
Outras cons. (escada)	47/1571	3	0.00

Valor aplicação = palatalização

Tabela 2
Contexto fonológico subsequente

Contextos	Apl./Total	%	Peso relativo
Cons. Dental (desde)	44/48	92	1.00
Cons. Alv. (deslocar)	2/4	50	0.95
Outras cons. (mesmo)	9/586	2	0.36

Valor aplicação = palatalização

Confrontando nossos resultados com os obtidos nos estudos de Callou, Moraes (1995) e os de Mota, Rollemberg (1994), verificamos convergências e divergências. Em relação aos primeiros, a divergência básica está no fato de que nos dados das cinco capitais brasileiras estudadas, no mesmo contexto que analisamos, há uma tendência generalizada à palatalização das fricativas, independentemente do contexto subsequente. Já em relação aos de Mota, Rollemberg (1994), divergimos, principalmente, quando o contexto subsequente é uma oclusiva dental sonora, uma vez que em Salvador a sua presença favorece o aparecimento de uma fricativa alveolar, ao contrário do que acontece em João Pessoa, que categoricamente favorece sua palatalização.

4 Conclusão

O que fica claro, a partir de uma comparação entre os resultados é que a palatalização parece delinear-se claramente como uma regra que aos poucos tende a generalizar-se. Em se tratando das consoantes em pauta, o contexto lingüístico fortemente atua sobre sua aplicação.

Entendemos que só através de estudos sistemáticos que abarquem outras comunidades, até então

não pesquisadas, é que poderemos fazer afirmações mais categóricas acerca do processo em pauta.

Bibliografia

- BISOL, Leda. *A palatalização e sua restrição variável*. Porto Alegre, 1985. Relatório de pesquisa, mimeo.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *Sobre a palatalização num dialeto brasileiro*. 1998, mimeo.
- CALLOU, Dinah, MORAES, João Antônio de. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: *Diversidade lingüística e ensino*, 1995.
- CORRÊA, Cíntia da Costa. Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /s/ posvocálico. Dissertação de Mestrado, UnB: DF, 1998.
- HORA, Dermeval da. *Palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear*. Tese de Doutorado, PUC-RS, 1990.
- MOTA, Jacyra, ROLLEMBERG, Vera. *Constritivas implorivas na norma culta brasileira: alveolares ou palatais?* Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxia Románicas. Universidade de Santiago de Compostela, 1989, p. 671-679.